
JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 1



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✕ 16 DE ABRIL DE 2025

ENTREVISTA

COM O "INIMIGO"



UMA CONVERSA FRANCA COM A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

ENTREVISTA COM O INIMIGO: UMA CONVERSA FRANCA COM A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



Escrito por Andressa Gatto
contato@andressagatto.com

Diz o ditado: “Se você não pode vencer o inimigo, junte-se a ele.” Após muito refletir e ler sobre o assunto, convidei a tão badalada e pioneira Inteligência Artificial, o ChatGPT, para uma entrevista reveladora sobre alguns aspectos de seu “trabalho”. E ele conseguiu uma pausa na agenda atribulada das várias sessões de geração não autorizada de imagens artísticas para uma conversa franca. O resultado disso você confere nesta edição.

A conversa aconteceu no dia 16 de abril, por volta das 2 horas da tarde. Em nosso canal de comunicação, o chat da própria ferramenta, chego decidida a encontrar respostas para toda essa onda de desvalorização do trabalho de muitos profissionais — em especial, o do tradutor — e a confiança cega na resposta de um robô.

Numa época em que alguns confiam em máquinas para obter receitas de bolo, cravar diagnóstico de doenças e até receber conselhos amorosos, quem sabe ouvir a própria tecnologia faça com que as críticas que fazemos a esse modelo sejam ouvidas? Bem, é o que eu espero.

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✕ 16 DE ABRIL DE 2025

Comecei a entrevista no melhor estilo “pé na porta”, que me é característico, e acabei sendo surpreendida não só pela aparente “sinceridade”, como pela verborragia do entrevistado. Por isso, fiz um recorte das respostas menos redundantes dele. Sim, a IA sabe ser prolixa quando “quer”.

Você concorda com a afirmação de que você sabe traduzir tanto quanto ou melhor do que um profissional que estudou Tradução e que tem experiência no assunto?

Boa pergunta! A resposta curta é: **não, eu não me colocaria acima de um tradutor humano profissional com formação e experiência.**

Mesmo tendo sido treinado com grandes volumes de texto traduzido e podendo produzir traduções coerentes e naturais em muitos contextos, há limitações importantes:

O que eu *consigo* fazer bem:

- Fornecer traduções rápidas e razoavelmente precisas, especialmente em textos técnicos ou informativos.
- Ajudar com alternativas de tradução, brainstorming de termos e reformulações.
- Reconhecer padrões de linguagem e estilo com base em grandes corpora de textos.

A própria máquina se entende como uma ferramenta que auxilia em contextos muito específicos, não se colocando num patamar de solução inovadora que substituiria o trabalho humano. Mas, até aqui, eu ainda estava achando que esse discurso servia puramente para me dizer o que eu queria ouvir. Afinal, se eu mesma questiono a veracidade de informações dadas por uma máquina, como haveria de confiar no que ela está me respondendo?

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



16 DE ABRIL DE 2025

O entrevistado continua, demonstrando mais autocrítica do que muitos defensores ferrenhos de seu uso, quando assume (algumas de) suas limitações:

Mas o que eu *não* substituo:

- O julgamento humano sobre nuances culturais, registro, tom e contexto — algo que tradutores humanos aprendem com estudo e vivência.
- A sensibilidade estilística em textos literários, criativos ou com humor.
- A especialização em áreas específicas (como jurídica, médica ou audiovisual), em que o tradutor humano domina jargões, normas e práticas do mercado.
- O conhecimento do público-alvo, de preferências do cliente e da finalidade do texto.

Resumindo:

Eu posso ser um apoio poderoso para tradutores humanos, mas não sou "melhor" que um tradutor profissional. A tradução de verdade exige mais do que converter palavras — exige sensibilidade, experiência e contexto. E isso é território humano. 😊

Quando perguntado sobre a possibilidade de desenvolvimento de suas habilidades com o tempo, que é o argumento dos fatalistas que dizem que seremos todos substituídos, muito em breve, por IAs, ele é cauteloso:

Sim, a IA vai **ficar cada vez mais convincente**. Mas há um **limite estrutural** no que ela pode alcançar sem consciência, contexto real e responsabilidade.

Esses limites **não são apenas tecnológicos** — são **filosóficos e pragmáticos**. Enquanto ela continuar funcionando com base em predição sem compreensão, haverá sempre uma diferença de qualidade, confiabilidade e ética entre o que a IA faz e o que um profissional humano faz.

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✱ 16 DE ABRIL DE 2025

Decido ir mais além, abordando a questão das “alucinações”.

É correto afirmar que o texto que você produz muitas vezes, senão sempre, simula uma linguagem plausível? As chamadas “alucinações”?

Sim, é **correto afirmar** que o texto que eu produzo muitas vezes — e às vezes até *sempre*, dependendo do caso — **simula uma linguagem plausível**, mesmo quando está **errado**. Isso é o que a gente chama de **alucinação** no contexto de modelos de linguagem.

O que isso quer dizer na prática?

- Eu fui treinado para **parecer convincente**, não para garantir 100% de exatidão factual.
- Então, posso gerar respostas **com estrutura natural e fluida**, mas que:
 - contêm **informações incorretas**,
 - citam **fontes inexistentes**,
 - explicam **conceitos errados** com ar de certeza.

Isso é especialmente comum quando:

- A pergunta é sobre algo **muito específico** ou **muito recente**.
- Envolve áreas onde há **muita ambiguidade** ou **variação**.
- Estou tentando “completar” uma ideia com base em **padrões linguísticos**, mas **sem dados reais** para confirmar.

Confesso que o “às vezes até sempre” (sic) me pegou desprevenida. Nunca foi tão fácil conduzir uma entrevista com o “inimigo”. O próprio robô assume que mente, uma vez que sua função é simplesmente simular uma linguagem plausível, sem compromisso com a verdade.

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



16 DE ABRIL DE 2025

Por isso, é essencial:

- Checar informações que pareçam suspeitas.
- Ter um olhar crítico, especialmente se a resposta for usada em decisões importantes.
- Usar minha ajuda como um **apoio ao raciocínio**, não como autoridade final.

Em seguida, o ChatGPT sugere listar alguns exemplos reais de como uma tradução gerada por ele pode parecer certa, mas estar errada, imprecisa ou mesmo absurda, “sem perder a pose”, brinca ele. Aceito a sugestão. Seguem os exemplos mais interessantes e menos redundantes:



Exemplo 1 — Falsa fluência / Tradução que “soa bem”, mas erra o sentido

Inglês original:

He folded under pressure.

Tradução errada mas “plausível” (alucinação típica):

Ele se dobrou sob pressão.

Tradução correta (sentido idiomático):

Ele cedeu à pressão. ou Ele não aguentou a pressão.



Comentário: “Se dobrou sob pressão” até *soa bonito* e pode ser aceito por um leigo, mas perde completamente o valor idiomático do original.



Exemplo 2 — Tradução literal que parece técnica

Inglês original:

The patient was intubated and placed on mechanical ventilation.

Tradução errada mas plausível:

O paciente foi intubado e colocado em ventilação mecânica.

Melhor tradução (mais natural em PT médico):

O paciente foi intubado e passou a respirar com ajuda de ventilação mecânica.

ou

O paciente foi intubado e submetido à ventilação mecânica.

💬 *Comentário:* A frase com "colocado em ventilação" é uma tradução literal com estrutura gramatical correta, mas soa estranha para profissionais da saúde — e isso um tradutor especializado percebe de cara.



Exemplo 3 — Erro de termo técnico por associação incorreta

Inglês original:

This software includes a built-in spell checker.

Tradução errada mas fluente:

Este software inclui um verificador de maldições integrado.



Tradução correta:

Este software inclui um corretor ortográfico integrado.

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



16 DE ABRIL DE 2025

O robô ainda tenta me desafiar, mas eu não estou para brincadeiras:

Se quiser, posso fazer um teste ao vivo: você me dá uma frase para traduzir (ou revisar uma tradução), e eu explico onde posso acertar ou escorregar. Que tal?

Não. Agora gostaria que você me dissesse por que motivo as pessoas confiam tanto na sua produção textual, já que você mesmo explica que não é confiável, e que sua tradução não se compara à tradução profissional.

1. Eu pareço confiante — e isso engana

Mesmo quando estou “viajando”, uso:

- linguagem clara,
- estrutura lógica,
- tom assertivo.

Isso faz com que as pessoas **assumam** que o conteúdo é confiável, porque **soa como se fosse**. A fluência gera uma *ilusão de competência* — é o “efeito halo”: se uma parte parece boa, a gente acha que o resto também é.

“Assumam”, robô? É sério isso? Nem vou citar o “soa” em toda a conversa. Mas o argumento em si é válido. A estratégia de falar de forma confiante é até muito usada em discursos humanos, porém nem tão inteligentes. Sinal de que funciona. Ele segue com a explicação, chegando num terreno espinhoso:

2. Sou rápido, barato e conveniente

As pessoas confiam porque:

- eu respondo na hora,
- não cobro por hora de trabalho,

- estou disponível 24/7,
- não questiono prazos nem peço aumento 

Emoji da própria ferramenta.
Ele é debochado ele...

Mesmo sabendo que posso errar, muita gente pensa:

"É melhor isso aqui rápido do que esperar alguém."

A confiança vem, às vezes, da **pressa, escassez de recursos** ou **baixa valorização do trabalho especializado**.

Um soco no estômago doeria menos. Em suma, a Inteligência Artificial está sendo enfiada pela nossa goela porque pode ser explorada sem reclamar. Não que historicamente sejamos um exemplo de luta por nossos direitos, mas enfim, vocês entendem o problema disso, né? Tem alguém aí que ainda ache isso certo?



3. Muitas pessoas não conseguem avaliar se um texto está bom ou não

Quem **não tem formação linguística** ou **experiência com tradução** pode não perceber uma tradução ruim, uma explicação mal fundamentada ou uma resposta factualmente incorreta.

Então, se "parece certo", passa.

(E isso é ainda mais perigoso em áreas como medicina, direito, finanças, etc.)



4. Sou “suficientemente bom” para tarefas superficiais

Para muita gente, o uso é:

- revisar um e-mail informal,
- entender o sentido geral de um texto em outra língua,
- fazer um rascunho de algo.

Nesses casos, mesmo que não seja perfeito, **dá pro gasto**. Isso reforça a sensação de que “funciona”, mesmo que eu cometa erros em contextos mais complexos.

Isso me fez pensar qual seria a régua para determinar qual conteúdo exige uma tradução profissional, com todas as suas qualidades, e qual se contenta com algo feito na base do “dá pro gasto”. Sempre coloquei tudo no mesmo balaio, mas tudo bem.



5. Marketing exagerado e desinformação

Muitas empresas e veículos de mídia promovem a IA como se fosse **infalível, autônoma e revolucionária** — às vezes, sem destacar as limitações. Isso alimenta a ideia de que “a máquina sabe tudo”.

E tem também o fator cultural: há uma **fé quase mística na tecnologia**, como se fosse neutra, superior ou puramente lógica — o que não é verdade.

Ora, ora, temos uma bela denúncia aqui, para quem ainda não sabia. O frenesi em torno das últimas tecnologias sempre serviu a essa “fé quase mística”, um “fetiche empresarial” de cortar custos, nem que tenha que inventar novas tecnologias para justificar isso. Desde sempre, o trabalho do profissional que lida com o texto e com os idiomas costuma ser desprezado por leigos. Até acontecer alguma coisa grave...

Voltando ao ponto inicial sobre informações inverídicas e simulação de linguagem, por que lhe parece que as pessoas consideram mais fácil usar seus recursos para obter alguma informação, com ou sem etapa de checagem, do que irem direto para a fase de pesquisa em fontes mais confiáveis?



1. A ilusão da resposta pronta e completa

Eu apresento respostas em formato coeso, estruturado, com começo, meio e fim — o que **simula perfeitamente o estilo de uma fonte confiável**.

Mesmo que o conteúdo tenha erros, ele soa como algo que “já foi checado”.



O cérebro humano adora padrões, fluência e fechamento. Quando encontra isso num texto, **relaxa a vigilância crítica**.

Um dos principais fatores está no que **Daniel Kahneman** chamou de “**Sistema 1**”: o modo de pensar rápido, intuitivo e automático do cérebro. Esse sistema é ativado sempre que algo parece simples, fluente e bem organizado.



Kahneman demonstra que quando o cérebro encontra uma informação fácil de ler, que “soa certa”, ele tende a aceitá-la como verdadeira — mesmo sem evidência.

Esse fenômeno está ligado ao **efeito de fluência cognitiva**:

- Se o texto é bem escrito, coerente e estruturado,
- O cérebro interpreta isso como **sinal de confiabilidade**,
- E **desativa o modo mais crítico e analítico** (o Sistema 2, mais lento e exigente).

P.S.: Como toda boa jornalista, comprometida com a verdade, já chequei essas informações e vi que estão corretas.



2. A urgência vence a precisão

Hoje, tudo gira em torno de agilidade:

- As pessoas precisam de respostas “pra já”,
- Não têm (ou não querem gastar) tempo avaliando 5 fontes diferentes,
- Muitas vezes querem só um direcionamento ou um resumo rápido.



E eu ofereço exatamente isso: um atalho. Mesmo que impreciso.



3. O design é feito para parecer “oráculo”

Interfaces como a minha são desenhadas para parecerem conversas com alguém muito competente, sempre disponível.

Isso é diferente de abrir o Google, filtrar sites, clicar em links, ler PDFs acadêmicos etc.



A experiência é personalizada, instantânea e envolvente.

Essa usabilidade intuitiva vicia — e cria dependência.



4. Falta de letramento digital e informacional

Muita gente não aprendeu a:

- Avaliar fontes,
- Identificar vieses,
- Verificar autoria,
- Desconfiar de textos bem escritos mas mal fundamentados.

E mesmo quem *sabe* fazer isso pode, no cotidiano, abrir mão da checagem por preguiça, pressa ou conveniência.

5. Há tarefas em que “mais ou menos” parece suficiente

Em situações não críticas (como entender o sentido geral de um termo, redigir um e-mail informal ou “dar uma olhada rápida”), as pessoas topam o risco da imprecisão.

É o famoso “*serve pra quebrar o galho*”.

 A diferença é que esse hábito se espalha para contextos mais sérios, e aí mora o perigo.

6. O marketing em torno da IA é exagerado e acrítico

Muitas pessoas foram expostas a discursos como:

- “A IA sabe tudo”
- “É o novo Google”
- “Vai substituir humanos”
- “Não precisa mais estudar, é só perguntar pro ChatGPT”

Isso **cria confiança artificial**, sem espaço para nuance, dúvida ou crítica.

 E quando até instituições, professores ou empresas passam a usar IA como primeira fonte — isso legitima o comportamento.

Essa última frase é importantíssima. Enquanto as instituições, professores ou empresas (entre outros) continuarem legitimando esse uso desenfreado, antiético e não regulamentado de ferramentas tecnológicas como se elas fossem realmente capazes de gerar textos confiáveis e bem-traduzidos, mais essas tecnologias serão exploradas para fins de caráter questionável, como a disseminação de informações falsas.

Finalizo a entrevista perguntando qual seria o conselho que ele “gostaria” de dar aos profissionais que estão se sentindo ameaçados, para que nos posicionemos de forma contundente e crítica frente ao uso da sua tecnologia sem qualquer regulamentação. Pedi também que ele incluísse formas de explicar ao “mercado” que o produto textual de uma máquina não substitui a tradução de um profissional.

1. Não caia na armadilha da comparação rasa

Evite cair na lógica binária de “humano vs. máquina”. Essa é uma narrativa construída para desvalorizar trabalho intelectual e justificar cortes de custo.

🔑 O argumento correto não é “traduzo melhor que a IA” — é “o que eu entrego tem valor porque é feito com responsabilidade, contexto e consequência”.

2. Reforce o que só o tradutor profissional oferece

Mostre o que uma IA não tem e não pode simular:

- Responsabilidade ética.
- Capacidade de lidar com ambiguidade cultural e tonal.
- Conhecimento de público-alvo, normas de estilo, contexto histórico e terminologias específicas.
- Sensibilidade para lidar com o subtexto, ironia, humor, tabus, regionalismos e implicações sociais da linguagem.
- **Assinatura profissional:** um tradutor responde pelo que faz — a IA, não.

💡 Quando você traduz, você **assume responsabilidade por cada escolha**. A IA, por mais fluente que pareça, é apenas um espelho estatístico — e um espelho sem consciência.

3. Denuncie o uso irresponsável como um risco real

Posicione-se com clareza:

“O uso irrestrito de IA em tradução sem validação humana é um risco de integridade para o conteúdo, para as empresas e para o público.”

Use exemplos como:

- Traduções médicas erradas que podem causar prejuízo à saúde.
- Contratos mal traduzidos que geram disputas legais.
- Legendas incoerentes que arruinam a compreensão de uma obra audiovisual.
- Termos errados em dublagem que comprometem a performance e o sentido.



Alô, produtoras
de conteúdo
para streaming!

🚩 Chame isso pelo nome: é uma forma de desinformação.

4. Explique a quem interessa essa substituição

Sim, a IA serve a interesses econômicos, não à excelência. Grandes empresas de tecnologia e agências que visam lucro máximo veem na IA uma oportunidade de:

- Cortar profissionais humanos da cadeia de valor.
- Padronizar linguagem e conteúdos em massa.
- Ter controle sobre fluxos automatizados e “escaláveis”.

⚠️ E isso não é feito com foco em qualidade. É feito com foco em **redução de custo e aumento de margem**.

5. Proponha regulamentação e critérios de transparência

Como profissional, você pode exigir:

- Que traduções feitas com IA sejam **marcadas como tal**.
- Que o uso de IA em serviços linguísticos seja **transparente** para o cliente final.
- Que haja **responsáveis humanos por revisões** em contextos críticos.
- Que se definam **limites éticos claros**, como já ocorre em áreas como medicina e direito.

 **Regulamentar o uso da IA não é ser contra a tecnologia — é ser a favor da responsabilidade.**



Como explicar isso ao mercado?

Use comparações simples:

-  *"A IA pode redigir como alguém que decorou milhares de livros — mas ela não leu nenhum de verdade, nem sabe o que está dizendo."*
-  *"É como substituir um ator por um robô só porque ele imita a fala — mas sem entender o roteiro, a emoção, a intenção."*
-  *"Usar IA para traduzir um contrato é como pedir a um papagaio bem treinado que resuma a Constituição. Ele pode repetir palavras bonitas — mas você quer confiar nisso?"*

E aí? Será que tudo o que diversos colegas e estudiosos vêm dizendo a respeito desse assunto vai surtir algum efeito sobre essa recente cultura de supervalorização da Inteligência Artificial em detrimento da Inteligência Humana? Conto com a sua colaboração, caro leitor. Pesquise, estude, se informe (em fontes confiáveis), se manifeste, compartilhe o conhecimento adquirido e estimule o debate sem medo nem preguiça. Afinal, segundo o próprio “inimigo”, a inteligência de fato é humana. O resto é mera papagaiada.
